

SOUSA GALITO, Maria (2005). A Guerra. CI-CPRI, AI, N°2, pp. 1-13.

AI: Artigo de Investigação



Índice

<i>Abstract</i>	1
Introdução	2
I	2
II	5
III	6
IV	9
Conclusão	13
Bibliografia	13

Abstract

A guerra é História escrita em sangue. É mortal. Alimenta-se do risco que comporta para a sociedade. Mas o animal humano, insaciável e curioso, transborda em energia que nem sempre consegue controlar. A evolução da civilização foi mais rápida do que a biologia. Talvez a guerra nunca deixe de existir, pelo menos enquanto o homem amar combater.



A GUERRA

Maria Sousa Galito

Introdução

A vida é cíclica e a História mais ou menos repete-se. O ser humano é um poço de energia que periodicamente encontra formas de se libertar no campo de batalha. Mas a civilização tem procurado formas (bem sucedidas) reciclar essa potência de forma mais produtiva.

O objectivo deste artigo de investigação é indagar o parecer de diferentes autores sobre o tema da guerra. Os argumentos são defendidos com base na teoria Darwiniana da evolução das espécies (não na versão Criacionista).

O propósito é explicar que a vida stressante pressiona o animal humano ao seu limite, comprometendo o seu autocontrolo levando-o a tomar atitudes, dentro da comunidade, mais próximas da guerra que da paz. As quais são unilaterais e condenáveis ou alimentadas pela mentalidade social dominante, através da educação, da cultura, da religião e das leis. Obrigando a uma vida em *Paz Armada*, em que o homem adora combater para contar histórias sobre como venceu o perigo.

Palavras-chave: guerra, natureza humana.

I.

Não se sabe ao certo se a guerra é intrínseca à natureza humana ou se é fruto do seu comportamento. Mas o indivíduo é fruto do progresso de um animal que se tornou uma praga no ecossistema, que desafia as suas botas de primata numa aparência de pouco pêlo mas que continua a gerar conflitos porque tem de partilhar espaço cada vez mais exíguo entre uma massa populacional a crescer exponencialmente.

O ser humano é um animal sofisticado que aspirou à transcendência, que sentiu as suas asas derretidas por Darwin mas soube contrariar fim igual a Dédalo por se teimar superior aos instintos primários que ludibriou ao longo de séculos.

O humano transformou lince em gatos domésticos, mas a natureza continua a rebelar-se. Os gatos continuam a lançar as suas garras no colo plácido dos seus donos.

Lá fora, sismos, avalanches, maremotos, erupções vulcânicas, contrabalançam a poluição dos parques industriais, da aviação comercial e dos petroleiros no mar, da caça agressiva, do lixo tóxico, da ambição desmedida de comunidades capazes de tudo para prosperar em nome de dinheiro fácil.

No período de crises quotidianas ou de conflito armado mais ou menos evidente, a natureza insurge-se proporcionalmente à pressão exercida sobre o planeta terra. A rivalidade veio para ficar.

O mundo artificial actual é célere e mutante. Nunca deixou de exigir passo maior que a perna a uma espécie curiosa e acutilante, camaleónica, sobrevivente nata, mas ainda assim sujeita a efeitos secundários, nem sempre visíveis no imediato.

A sociedade exige demasiado a um ser que insiste em superar-se mil vezes. Ainda animal, afirma-se adulto qual criança surpreendida com o seu próprio crescimento, a exigir responsabilidades alheias mas incapaz de aceitar a culpa de qualquer empreendimento.

As pessoas são todas diferentes, ultrapassadas em número e circunscritas num planeta que se tornou pequeno para tanta ambição¹.

Porque somos muitos, quase passámos de símios a formigas. Os indivíduos não pertencem a um único formigueiro.

As emoções podem ser controladas mas não anuladas, qualquer que seja o contexto. Se um esforço racional pode circunscrever a violência – através da educação, leis, acordos internacionais – o Vesúvio não é um vulcão extinto, está adormecido. Debaixo da superfície é magma revoltado pela ansiedade, fúria, desespero ou exaltação, pode rebelar-se em movimentos legais e supostamente pacíficos ou desembocar em desobediência civil, golpes Militares ou de Estado, revoluções que gelem as relações infraestaduais ou até interestaduais ao ponto de explodir nos horrores, respectivamente, de uma guerra civil ou duma guerra internacional.

A tensão existe. Aliás, atendendo ao que se passa no mundo, é mais de estranhar o sucesso da maioria em nome da estabilidade, do que o simples desequilíbrio de forças. O problema é que a guerra tem sido, ao longo da História, uma das formas mais eficazes de libertar pressões, unindo grupos de pessoas contra uma ameaça exterior, em nome da sobrevivência – de pelo menos um dos grupos e/ou o que representa.

¹ «Dadas as pressões da supertribo, dada a superlotação global da nossa espécie e dadas as desigualdades no progresso das diferentes supertribos, há poucas esperanças de que as nossas crianças cresçam sem saber o que é a guerra. O animal humano cresceu demais para as suas botas de primata.» [MORRIS, Desmond (1969). *O Zoo Humano*. Torres Vedras: Publicações Europa-América, p. 37].

Uma vez que os recursos à disposição do ser humano sempre foram escassos, de uma forma ou de outra, a guerra permite controlar a expansão demográfica em nome de uns quantos (os melhores) que conseguiram bastar-se com o que havia na natureza. Ainda hoje, o princípio se mantém, embora o comportamento humano tenha acompanhado a evolução civilizacional.

A própria maneira de fazer a guerra o retracta. Assim, nos tempos idos, a comunidade obrigava os homens a provar regularmente as suas capacidades. A guerra fazia parte dessa instrução. Quem não aguentava o ritmo de exigência era liminarmente eliminado. Por seu lado, os mais capazes chegavam a chefes.

A sociedade pressiona os seus. Antigamente, cantava-lhes façanhas de heróis, inculcava-lhes coragem militar. Quem aspirasse a um tal destino, tinha de lutar sempre e na primeira linha de combate. Os resistentes ou astutos sobreviviam. Os delicados ou estultos, morriam. Era a lei do mais forte.

Se a balança do destino marcasse a sua hora, os homens antigos expiravam pela honra, aspirando à imortalidade. Recorde-se que Aquiles (*Iliada*, de Homero) preferiu morrer jovem e glorioso a perecer velho mas incógnito. A fama obtinha-se num palco de guerra.

Sendo assim, o ser humano já sabia a sua morte certa mas, em grupo, pressionava os seus homens a enfrentar a morte e a perecer em batalha. Um Viking só era levado pelas valquírias para Valhala (paraíso de Odín) se expirasse com a sua espada na mão.

Quando a população aumentou exponencialmente e os exércitos cresceram, o general recuou a sua posição no tabuleiro de xadrez, líder de uma hierarquia mais complexa. Perdemos uma estrutura quase atomista constituída por nobres, ganhámos um todo com múltiplas divisões internas.

Como um corpo *nada é sem cabeça*, o general deixou de ser o primeiro a morrer na defesa dos seus homens e a sua vida passou a ser protegida pelos seus soldados. Mudou a mentalidade dominante no seio militar. O líder afastou-se do combate corpo a corpo, passou a pensar mais em função de fins independentemente das baixas, por ser mais fácil perder a noção de que *lá à frente é que se dá o corpo ao manifesto*.

Neste processo, a população, com sede de vitórias, era mobilizada com uma certa facilidade. Os políticos invocavam interesses políticos em nome de uma acção agressiva contra a ameaça exterior.

Nas sombras desta (nova) postura, a natureza ainda teimava em reequilibrar-se, empurrando o animal humano para o controlo demográfico, necessário ao *ecossistema*.

Mas a guerra não é apenas um acto político de fins racionais² Nem sempre os motivos são transparentes e grande parte dos soldados alistados, em especial em grandes e complexas estruturas militares, acaba por distanciar-se do suposto motivo político que guia os seus superiores, perdendo a noção *do porque está a lutar*, se é que alguma vez soube!

A História demonstra. Sempre que se defendeu a guerra como acto político, os limites foram em muito ultrapassados. Não me refiro apenas a tempos mais recentes, quando homens como Clausewitz afirmaram a guerra como acto de violência levado às derradeiras consequências, rejeitando princípios de moderação na filosofia da guerra.

Já antes com Júlio César, por exemplo, os gauleses haviam sucumbido aos milhares por um homem ter ambicionado o poder. Para o fazer, precisava de uma grande guerra. Na falta dela, inventou-a. As vítimas escolhidas? Primeiro os Lusitanos (antigos portugueses) e sobretudo os Gauleses (antigos franceses). Júlio César era o tipo de general disposto a tudo para a vencer. Neste caso, para que a capa desse lugar á toga.

Mas entretanto houve uma nova mudança de mentalidade. Actualmente, a racionalidade refreia o impulso bélico dos Estados. Mas não é por questões morais, humanitárias ou ecológicas. A guerra ao estilo clausewitziano, que emprega todos os meios disponíveis, poderia destruir o mundo; ou certamente a face que dele conhecemos.

A própria Europa, fustigada durante séculos, reclamou um basta em meados do século XX, ponto em prática um plano especialmente bem sucedido, defendendo a vida, a liberdade e o pluralismo, os que, uma vez salvaguardados, minam a tendência para o conflito armado. Dessa vontade nasceu a Comunidade Económica Europeia (CEE) que deu lugar, mais recentemente, à União Europeia.

O continente em si tem sofrido alguns conflitos mas a Europa central não vive em guerra há mais de meio século, caso inaudito na sua História. Não é garantido que assim continue eternamente.

II.

O ser humano parece querer esquecer que a morte faz parte da vida. E se esta vem, deseja-a tranquila depois de uma vida longa e feliz. Precisamente o oposto que o épico Aquiles? Não exactamente.

A ambição da fama parece tão forte como nos tempos idos. Os meios de comunicação vendem a ideia de ser possível conjugar ambos os desejos: fama e felicidade. Como? Num mundo pacífico e democrático, sem guerra. Será exequível?

² A guerra: «Se não tem a sua origem nos sentimentos, pelo menos reage, mais ou menos de acordo com eles, e a intensidade desta reacção depende, não do grau de civilização, mas da importância e duração dos interesses em causa.» [CLAUSEWITZ, Carl von (1997). *Da Guerra*. Mem Martins: Publicações Europa-América, p. 31].

No séc. XXI, o mundo mudou, a mentalidade é outra. Mas a fama é democraticamente distribuída, o que significa que, para ser um pouco de todos, poucos sobrevivem à pressão mediática mais do que um ano, seis meses. Ou poucos dias.

Todos conhecem Aquiles. Nem que seja pelo calcanhar. Os heróis actuais são efémeros. A memória esgota-se na grande lista de (supostos) famosos e acaba por esquecê-los.

Em contrapartida, se a fama é fugaz, a vida é longa. O que se deve ao progresso da Medicina. Neste contexto, é difícil encontrar argumentos que convençam a opinião pública – sobretudo a europeia – a aceitar enviar homens para morte (quase) certa.

Multiplicam-se as manifestações contra a intervenção no Iraque, no Afeganistão e noutros palcos estratégicos. Nem todos os manifestantes partilha costumes ou modelos educativos, mas não querem a guerra.

É importante perceber que no séc. XXI as massas se manifestam regularmente contra a guerra por a morte parecer fazer mais parte das batalhas do que do nosso quotidiano supostamente pacífico. O que não é necessariamente verdade. Morrem muito mais pessoas em acontecimentos comuns nas grandes cidades.

Mas também pode ser uma questão de probabilidades, de risco. É certo que em Portugal, por exemplo, o cancro e os desastres de automóvel têm gerado mais mortes que a guerra colonial produziu nos seus treze anos de duração (1961-1974).

Mas o indivíduo averso ao risco da teoria económica também gasta pouco ao fim do mês a apostar diariamente na *raspadinha* (sem retorno), montante que, ao longo dos anos, se tivesse sido poupado, poderia proporcionar uma viagem ao estrangeiro ou quiçá mais. O apostador convence-se do contrário, por o ameaçar menos despende aos poucos, do que tudo de uma vez.

A analogia pode aplicar-se ao risco de ir para a guerra ou de morrer num desastre de automóvel na curva do bairro. A maior parte das pessoas opta pelo risco menor.

III.

A Europa do pós II Guerra Mundial nega frontalmente o recurso à guerra. O que a fragiliza perante as potências mundiais que aceitam o risco de sacrificar o bem-estar de alguns em nome da maioria; e investem numa política de defesa e segurança que, na medida do (im)possível, as defende. Ou, aliando as duas vertentes, investindo num programa nuclear. Afinal, segundo Garnett³, a estratégia de dissuasão nuclear baseia-se no facto de uma guerra nuclear ter consequências tão nefastas que ninguém ousará combater desta forma.

³ GARNETT, John (2002), “The causes of War and the Conditions of Peace”. In BAYLIS, John *et al.* *Strategy in the Contemporary World*. Oxford: Oxford University Press, p. 68.

Hiroshima testemunha dor e efeitos secundários, quando o Japão da altura não podia retaliar. Mas agora, com o perigo evidente da proliferação das armas nucleares, o Mito da Atlântida já espreita.

Querendo evitar piores cenários, e ainda que mundo sem conflitos armados seja utopia, os países incentivam a confiança entre cidadãos (base que consubstancia a sociedade) e investir na paz (armada?).

Se a energia que patrocinava a arte bélica continua presente, esta é redireccionada para outros fins. Nesse sentido, o ser humano enfia a cabeça no trabalho. O que tem a vantagem de promover a competitividade e a produtividade. Assim se impulsiona o progresso técnico, económico e social.

Mas como este processo lhe gera infinitas dores de cabeça, entra em depressão com tanto *stress*. Para o evitar, devota-se ao desporto. Até porque precisa fazer exercício físico. O indivíduo sente a adrenalina a aumentar. O desporto gere milhões, em capital e pessoas. É menos artificial do que o trabalho e, nesse sentido, uma melhor *máscara de guerra*.

Os desportistas às vezes são competitivos como os antigos guerreiros.⁴ O desporto (profissional ou uma ida regular ao ginásio) pode não satisfazer um universo de tensões mas ajuda a descomprimi-las, tendo sido inventado e desenvolvido com esse propósito. Mas será este tipo de libertação de energias suficiente?

Primeiro, fazer ginástica dá muito trabalho. Exige esforço. Um profissional cansado depois de oito/dez horas a trabalhar, prefere ir para casa comer e gritar com alguém.

O humano, transparente na guerra, disfarçado na paz, pode surpreender os incautos sempre que *exige sangue*. Os homens precisam mais desse ritual de iniciação do que as mulheres, até porque elas sangram todos os meses – não consideram especialmente significativo verter sangue, antes preferindo infligir dor.

Há quem goste de assistir a rixas de rua, a lutas de animais ou a certo tipo de desportos violentos, tais como o boxe. Nem precisa participar, basta ser espectador, enquanto torce pela forma como alguém se defende em circunstâncias adversas.

Na Idade do Ferro, os duelos entre nobres eram testemunhados por soldados dos dois exércitos. No Império Romano, o palco de guerra era maior, e espectáculo de massas entrou para o coliseu, onde multidões de farnel assistiam a lutas de morte entre gladiadores.

E hoje em dia? No cinema, com filmes de guerra ou outros géneros de violência (comendo pipocas), ou ao jantar a ver televisão, fazemos pouco menos. Curiosamente, resistimos à comparação. Porque o mundo é para nós, não uma janela, mas um espelho em que melhor vemos a nossa imagem (ideal) reflectida.

⁴ «Em relação à Guerra (...) é a continuação não da política mas do desporto.» [CREVELD, Martin van (1991). *The Transformation of War*. New York: The Free Press, p. 191].

A civilização actual parece ter apostado na criatividade para libertar tensões, já que condena ou apagou da memória rituais (sobretudo de índole religiosa) muito antigos, nos quais a sociedade visava controlar os excessos da natureza humana, cedendo absolvê-los num período muito circunscrito.

Entre os indo-europeus, por exemplo, no final de cada ano, tudo era permitido aos membros da comunidade durante uns dias, antes das libações finais que purificavam a entrada do novo ano com a Primavera – antes do nascimento de Cristo, o primeiro mês era Março – precisamente o que está na génese das *Fébruas* celebradas em Fevereiro – o mês das purificações (Februo).

No nosso tempo resta-nos um herdeiro aproximado: o rei do disfarce e da crítica social, já que (supostamente) *ninguém leva a mal em tempo de Carnaval*.

A não ser que se recorra ao homicídio. Este distingue-se da guerra⁵, porque o homicídio é unilateral e o combate bilateral.

Nos países com a institucionalização da pena de morte, esta é justificada em nome do bem-estar comum e tão só como punição máxima contra crimes de extrema gravidade. Como o homicídio é talvez o verso da medalha do suicídio⁶, os mais fracos, incapazes de uma integração harmoniosa no grupo ou para se vingarem da repressão exterior, livram-se assim dos seus fantasmas.

Em sociedades regradas e abastadas, previsíveis na sua forma de estar, os indivíduos acabam por virar-se contra si próprios. Não sendo eliminados por nada nem ninguém (como o seriam em épocas mais remotas), eliminam-se. A natureza não perdoa.

Há quem encontre um significado para a própria vida gerando violência de outra forma. Por exemplo, sob a forma de terrorismo. O terrorista é mais criminoso do que combatente, ou pelo menos as leis o procuram definir. Quem perpetua os actos talvez pense diferentemente.

Mas são comportamentos desviantes, realizados à margem da sociedade. À margem, não fora. Se os referidos terroristas fossem expulsos da sociedade em que nasceram ou à qual almejam pertencer (como acontecia antigamente) os resultados poderiam ser desiguais. O ser humano é social, mesmo quando opta por comportamentos anti-sociais. Ele continua inserido (ou a querer pertencer a) um grupo, a agir para respeito dos seus pares.

⁵ «(...) não consiste simplesmente numa situação em que uma pessoa ou grupo condena outro à morte, mesmo que a morte seja organizada, aplicada por um motivo, e considerada legal; ao invés disso, começa no momento em que a pena mortal infligida se torna numa actividade recíproca conhecida por combate» [CREVELD, Martin Van (1991), *op. cit.*, p. 160].

⁶ «A incidência de suicídios decresce em tempo de guerra. (...) São exactamente as inibições que impedem o suicida potencial de matar as pessoas que o dominam e frustram que o levam a redirigir a sua violência. É preciso escolher entre matar um bode expiatório menos intimidante ou matar-se a si mesmo. (...) O suicídio e o homicídio estão estreitamente ligados. Até certo ponto, trata-se das duas faces da mesma moeda» [MORRIS, Desmond (1969), *op. cit.*, p. 82].

IV.

Duas faces da mesma moeda eram Roma (Marte) e Amor (Vénus). Não admira que o grande império romano partilhasse a ideia de haver guerra por *os homens amarem combater*, uma ideia com adeptos em pleno séc. XXI⁷. No entender Creveld, a guerra é:

«(...) de todas as actividades humanas, a mais espectacular, a mais intensa, e a mais excitante. Mais importante ainda, é a única em que não há regras, não há restrições artificiais na quantidade de força a ser usada e nos meios que podem ser usados»⁸.

Se a guerra pode ser mascarada de muitas maneiras e envolvida por uma certa artificialidade, jamais deixará de ser visceral. E vencê-la? Um êxtase triunfal⁹. Porquê? Porque se superou o perigo.

Um dos fundamentos da guerra, que nem sempre se vê e muito se sente, é o risco mortal e a capacidade do indivíduo o superar em grupo (inserido no exército). Aqui se realça novamente a componente social – neste caso no âmbito militar.

É costume dizer-se que na guerra todos perdem. É politicamente correcto afirmá-lo. Todavia, não é discurso unânime. Ninguém gosta de perder, nem a feijões! A História lista os nomes dos vencedores. Logo, o perigo não é completamente dissuasor. Nem hoje em dia.

A guerra é um jogo (mortal). Não há guerra desprovida do factor risco. Depois, é preciso lutar contra um adversário. Pode utilizar-se uma combinação de estratégia e logística, mas o mais importante não é a escolha dos meios, é o resultado final. Aníbal, o general cartaginês, ganhou uma sucessão de batalhas contra os romanos mas nunca chegou a invadir Roma e, em última análise, não os venceu de forma definitiva. Logo, contrariamente a figuras como Alexandre Magno ou Júlio César, que venceram guerras, Aníbal o Cartaginês, figura entre os génios militares *perdedores* da História Universal.

A guerra não é justa, é implacável. O oponente é imprevisível, ainda mais antes de estudado – à distância ou por espões – facto que nos pode empurrar a combatê-lo sem ter escolhido o melhor momento para fazê-lo, o que tem efeitos secundários. Como no ganhar não há empates, há que enfrentá-lo com garra e determinação.

⁷ O general norte-americano, George Patton, dizia no seu discurso de 5 de Junho de 1944: «Os americanos amam combater, tradicionalmente. Todos os verdadeiros americanos amam o barulho da batalha.» [PATTON, George (2001-2003). *General Patton's Address to the Troops. Right Wing News, Speeches*, p. 1. URL: <<http://www.rightwingsnews.com/speeches/patton.php>>].

⁸ CREVELD, Martin Van (1994). *Military Strategy for an Era of Transition*. New York: The Free Press, p. 269.

⁹ Sila é aclamado imperador: «(...) aquela fora a sua primeira grande vitória como comandante-chefe. E que vitória! O sangue dos homens que matara pingava-lhe pela armadura abaixo e a espada colava-se-lhe à mão direita por causa do sangue que entretanto coagulava; (...) Im-pe-ra-tor! Os soldados gritaram esse título até ficarem roucos. Aquele era o triunfo máximo: o vencedor aclamado imperador no campo de batalha.» [MCCULLOUGH, Colleen (1991). *O Primeiro Homem de Roma*. (Vol. II) Lisboa: Difel, p. 708]

Depois, é de todo preferível que o inimigo não seja fraco demais. Nenhum general aprecia vitórias fáceis. Ninguém gosta de bater no ceguinho. Nisso não há glória mas mesquinhez. Que humilhante seria sucumbir com quem não nos chega aos calcanhares! Perder-se-ia a autoconfiança em futuras campanhas.

Mesmo que o adversário seja mais fraco, não pode parecê-lo. Pelo que é comum espalhar notícias sobre a péssima reputação do inimigo. Assim, assusta-se a comunidade, congrega-se o exército em prol da vitória.¹⁰

Nas guerras que precederam o século XX – porque depois a guerra mudou de filosofia, com armas mais certeiras e rápidas, sem contar com o efeito imediato e arrasador das armas de destruição maciça – as tropas costumavam apresentar-se ao inimigo, num espectáculo barulhento, de cores garridas e música medonha, de preferência capazes de desanimar o adversário e minar-lhe a capacidade de resposta.

É verdade que *cão que muito ladra não morde*, mas os gritos de guerra, as pinturas e toda a parafernália envolvente, por infantis que possam parecer, costumavam obter resultados.¹¹ Como os miúdos com *piercings* e tatuagens costumam assustar os colegas que, junto a eles, parecem meninos de coro, homens pintados de espada na mão atemorizavam o inimigo ao primeiro relance. Os exércitos avaliavam-se um ou outro e podiam decidir dar meia volta. Às vezes, por causa disso, a batalha nem começava.

Outras vezes, desassossejavam as hostes mas a batalha tinha lugar na mesma. O resultado final era uma incógnita. É que o mosquito assusta menos do que o leão, mas o primeiro mata muito mais pessoas do que o segundo.

Por conseguinte, não se deve sobrestimar nem superestimar o adversário. Deve-se suspeitar dele. O *longe da vista, longe do coração* pode fazer-nos negligenciar perigo não evidente.

Em seguida, avalia-se a logística e a estratégia adversárias. Césares costumam vencer mais guerras que Vercingetorixes. Uma frente unida, flexível perante as situações, organizada na investida, resiste melhor à adversidade ou à morosidade do conflito.

A desvantagem numérica não tem porque ser crítica. O exército de Marco Crasso (contemporâneo de Júlio César) venceu o de Espártaco. Este era numericamente superior

¹⁰ «(...) mas eles são animais, *animais*. São criados para a guerra. Todos os gauleses bebem o sangue do primeiro homem que matarem em batalha. (...) Cortam a pele das cabeças e vestem-nas. Como nós faríamos com couro, e penduram-nas nos freios dos seus cavalos. Ora, qualquer soldado romano preferia cair sobre a sua espada do que ser capturado pelos gauleses» [LECKIE, Ross (2000). *Cipião, O Africano – O Homem Que Ajudou a Construir o Império Romano*. Mem Martins: Lyon Edições, p. 136].

¹¹ Diz-nos Lévêque a propósito dos povos indo-europeus: «Mascarado, armado, o guerreiro aterroriza também o adversário por meio de injúrias, proclama em voz alta a sua linhagem (é o caso dos heróis da *Ilíada*), a sua força, as capacidades que a si se atribui (assim os guerreiros de Argos às portas da cidade dos *Sete contra Tebas*), e, à maneira dos soldados da China tradicional, faz caretas» [LÉVÊQUE Pierre (1990). *As Primeiras Civilizações*. (Vol. III) Lisboa: Edições 70, pp. 62-63].

mas desorganizado e arrastava consigo civis, muitos deles não armados.¹² Crasso estava disposto a tudo para vencer a revolta dos escravos, chegou a dizimar os seus soldados (matar um em cada dez) para impor respeito relativamente à sua liderança e acabar com a deserção e fuga dos seus soldados mais jovens.

A indisciplina militar não costuma ser perdoada pelos generais. Quem foge é considerado traidor, por ousar pôr em perigo o exército. A parte é essencial ao todo. Em especial se houver uma debandada geral (massiva).

A impreparação militar (por serem milicianos, por exemplo), a falta de experiência em batalha ou a extrema juventude¹³ não desculpam o acto e o castigo é aplicado sem dó nem piedade¹⁴.

Paralelamente, recorde-se a expressão *erro Crasso*. O mesmo líder, mas num contexto diferente. Na primeira situação ele ascendia em Roma e ainda não era tão rico como chegaria a ser. Na segunda situação, contra os Partos, a sua autoconfiança e falta de planeamento estratégico ditou a sua morte. O homem que venceu a maior revolta de escravos da História de Roma, tornou-se famoso como um dos grandes sovins e perdedores da República Romana.

Para o bem e para o mal, de um lado e doutro da batalha estão seres humanos. O que em si, constitui a maior vantagem/desvantagem de qualquer exército.

Se tanto os cobardes como os corajosos têm uma coisa em comum – o medo¹⁵ – apenas os corajosos, ao contrário dos cobardes, o superam. O melhor é reunir forças e lutar, com disciplina e autocontrolo¹⁶.

¹² «Espártaco tem um grande peso sobre os ombros. Tem de arrastar consigo as famílias e os bens pessoais dos seus soldados. O que tu estás a ver, Múmio, não é um exército: é um povo sem pátria.» [MCCULLOUGH Colleen (1994). *O Primeiro Homem de Roma* (Vol. III) Lisboa: Difel, p. 929].

¹³ Demasiado jovens? «Isso normalmente é uma vantagem. (...) Que sabe uma pessoa aos dezassete, dezoito anos? Com essa idade, não temos preocupações nem com esposa, nem com filhos. A juventude é turbulenta, precisa de uma saída para os seus impulsos violentos. E, para isso, a guerra é preferível ao vinho, às mulheres, às rixas nas tabernas – na guerra, pelo menos, o Estado extrai deles algo que lhe é útil.» [*Id. Ibid.*, p. 932].

¹⁴ Dizimação: «(...) desde que entraram para o serviço militar, no início deste ano, fugiram sempre do campo de batalha onde, pelo contrário, deveriam combater. E agora, na sua última debandada, cometeram o pior dos crimes de um soldado – abandonaram as suas armas e armaduras no campo, deixando-as à disposição do inimigo. Nenhum deles merece viver (...) Reduzidos a catorze fracas coortes, os desgraçados que sobreviveram engoliram o medo e o orgulho e só pensavam em tornar-se os legionários que Crasso exigia.» [*Id. Ibid.*, pp. 933-935].

¹⁵ «“Eu é que sou seu prisioneiro, ou ele é que é o meu?”, pensava cada qual. (...) mas por cima dos ombros cruzou uma bala assobiando, e isto fez com que afrouxassem o ímpeto. O francês correu à bateria, ao passo que Pedro descia o cabeça tropeçando nos mortos e feridos e julgando, no seu pavor, que eles se lhe agarravam às abas da casaca.» [TOLSTOI, Leão (1990). *Guerra e Paz*. Lisboa: Verbo, p. 165].

¹⁶ «Os nossos sentidos ficam tensos, adaptam-se, apuram-se, até se tornarem impermeáveis a tudo o mais; no momento do embate, noções de “porque” ou “em função de” perdem-se enquanto corpo e mente lutam por conseguir a concentração mais absoluta essencial à sobrevivência.» [CREVELD, Martin Van (1991), *op. cit.*, p. 158].

É fácil falar. Quando a ferocidade se sente a cortar a pele, a entranhar-se pelas narinas, a esguichar para o rosto, então, o inimigo cresce em tamanho. Em função da sua crueldade real. Ou porque, actos iguais aos nossos, nele parecerem piores. Os veteranos resistem melhor do que os jovens soldados.

A guerra não deve prolongar-se. Um soldado, por mais que ame combater, tem limites de paciência. Por experiente que seja o soldado, uma guerra prolongada impõe-se sobre o mais estóico dos estilos de vida. Nem sempre é fácil suportar o sofrimento, seu e do adversário. O humano é social, cria laços familiares, não gosta de estar longe dos filhos.

Com o tempo, é mais passível de exageros, que muito acontecem nas pilhagens.¹⁷ Um exército, ao atacar um território pode tornar-se perigoso até para os civis que não têm nada a ver com a guerra em curso.

O conflito armado está estritamente ligado à defesa/conquista de um espaço físico. A personalidade dos soldados liberta-se das barreiras sociais, sobrepondo-se ao carácter modelado pela educação e pelos costumes. Se a personalidade divergir em muito do carácter, o animal humano pode surpreender (ou até chocar!). Na guerra é quase impossível assegurar quem fez o quê e atirar a responsabilidade dos seus actos insanos sobre o grupo¹⁸. Enfim, a vida em sociedade é uma *Paz Armada*. A guerra é vida escrita em sangue.

Quando a guerra acaba, o soldado tenta reintroduzir-se na ordem que deixou para trás. Sente alívio por ainda se conservar vivo. Com cicatrizes, é preciso não esquecer – as físicas e as psicológicas.

Segue-se uma avaliação retrospectiva. Não é preciso lutar para se ser homem. Mas por vezes, para se ser homem, é preciso lutar. Se o soldado assim concluir, de certa forma achou que o esforço valeu a pena.

Nessa base, escrevem-se memórias. Antigamente cantavam-se feitos heróicos, surgiam os mitos.

Coleccionam-se objectos que não teriam valor noutras circunstâncias. O valor material depende do mercado e da nossa avaliação individual. As coisas possuem o valor que nós lhe atribuímos. Reúnem-se armas, medalhas de mérito e bandeiras, relíquias para mais tarde recordar um feito histórico.

As medalhas acompanham as histórias que se contam aos filhos. É o descanso do guerreiro. Até à próxima batalha.

¹⁷ «Com as suas fardas rotas, extenuados, reduzidos a um terço do seu primeiro efectivo, os soldados inimigos fizeram, todavia, em ordem a sua entrada na cidade. Mas quando se distribuíram pelas residências desertas, deixaram de existir como exército e o militar desapareceu para dar lugar ao gatuno.» [TOLSTOI, Leão (1990). *op. cit.*, p. 180].

¹⁸ Friedrich Nietzsche já dizia: «A loucura é excepção nos indivíduos mas a regra nos grupos.» [GARNETT, John (2002), *op. cit.*, p. 80].

Conclusão

A guerra é mortal, envolta em perigo. Ataca-se um inimigo. Pelo seu carácter devastador, a civilização prefere canalizar as suas energias no sentido da paz.

Curiosamente, a História, de uma forma ou de outra, teima em repetir os mesmos erros. O animal humano, insaciável e curioso, é um cabo de alta tensão; a sua energia, muito embora redireccionada para actividades mais produtivas, acaba por extravasar os limites das regras em sociedade. E muitas vezes opta pela guerra ao invés da paz.

O que, em certa medida, se explica por a evolução da civilização ter sido mais rápida do que a biologia. Talvez a guerra nunca deixe de existir, pelo menos enquanto o homem amar combater. A guerra é vida escrita em sangue. A sociedade é *Paz Armada*, insistindo em resistir.

Bibliografia:

CLAUSEWITZ, Carl von (1997). *Da Guerra*. Mem Martins: Publicações Europa-América.

CREVELD, Martin van (1991). *The Transformation of War*. New York: The Free Press.

CREVELD, Martin Van (1994). *Military Strategy for an Era of Transition*. New York: The Free Press.

GARNETT, John (2002), “The causes of War and the Conditions of Peace”. In BAYLIS, John *et al.* *Strategy in the Contemporary World*. Oxford: Oxford University Press, pp. 66-87.

LECKIE, Ross (2000). *Cipião, O Africano – O Homem Que Ajudou a Construir o Império Romano*. Mem Martins: Lyon Edições.

LÉVÊQUE Pierre (1990). *As Primeiras Civilizações*. (Vol. III) Lisboa: Edições 70.

MCCULLOUGH, Colleen (1991). *O Primeiro Homem de Roma*. (Vol. II) Lisboa: Difel.

MCCULLOUGH Colleen (1994). *O Primeiro Homem de Roma* (Vol. III) Lisboa: Difel.

MORRIS, Desmond (1969). *O Zoo Humano*. Torres Vedras: Publicações Europa-América.

PATTON, George (2001-2003). *General Patton’s Address to the Troops*. *Right Wing News*, Speeches, pp. 1-4. URL: <<http://www.rightwingsnews.com/speeches/patton.php>>

TOLSTOI, Leão (1990). *Guerra e Paz*. Lisboa: Verbo.